

O antivacinismo no Brasil: como estamos e o que podemos fazer?

Isabella Ballalai¹

¹Sociedade de Pediatria do Estado do Rio de Janeiro

De acordo com dados do Ministério da Saúde, sete das oito vacinas obrigatórias na infância tiveram a cobertura aquém da meta em 2018. As causas são multifatoriais e incluem questões estruturais, de capacitação profissional, além da abalada confiança da população causada pela desinformação.

Taxas de cobertura vacinal em declínio e o consequente retorno de doenças já eliminadas não só refletem uma amnésia histórica, mas também um declínio da fé nas instituições e uma alarmante falta de preocupação com o bem-estar da coletividade.¹ Na era da internet, o crescimento de alguns movimentos incentivam as pessoas a rejeitar o conselho de um perito ou a segui-lo de maneira seletiva e revelam uma nelas um excesso de confiança no seu próprio conhecimento amador.¹

Descrente, desconfiada e ávida por informação, a população se torna presa fácil de movimentos antivacineiros e de *fake news* compartilhadas nas redes sociais e grupos de *WhatsApp*, o que se reflete em uma crescente hesitação em vacinar a si e aos seus.

No Brasil, de acordo com o estudo *Wellcome Global Monitor 2018*², realizado em 140 países com o objetivo de avaliar a percepção sobre questões relacionadas à ciência em geral e à saúde pública, 97% dos brasileiros acreditam ser importante vacinar as crianças, proporção maior que a média global (92%). No entanto, apenas 80% declarou acreditar na segurança das vacinas, proporção já não tão superior à média global de 79%.

Estudo brasileiro³ avaliou a confiança e hesitação em vacinar por parte dos brasileiros. Os resultados mostraram uma confiança geral na imunização maior do que aquela nos serviços de planejamento familiar, agentes

comunitários de saúde e serviços de emergência. Entre os pais de crianças menores de cinco anos 43,6% relataram alta confiança nas vacinas e entre os 21,3% hesitantes, 7,4% declaravam alta confiança na imunização. Os motivos apontados com mais frequência para a hesitação foram confiança (41,4%), eficácia/segurança das vacinas (25,5%) e preocupação com eventos adversos (23,6%). O grupo etário mais jovem (<25 anos) se mostrou o mais hesitante, e os maiores de 60 anos foram os mais propensos a aceitar a vacinação. A maior taxa de aceitação ocorreu entre as famílias com grau de escolaridade superior (81,6%) com taxas decrescentes entre aqueles com nível médio (70,6%) e primário (58,6%). No entanto, em termos de hesitação, a resposta pouco variou com a escolaridade (de 62,1% a 65,5% entre aqueles com escolaridade básica e superior, respectivamente).

A recomendação médica tem papel fundamental na adesão das pessoas à vacinação. De acordo com o *Wellcome Global Monitor 2018*, pessoas que indicam médicos e enfermeiros como a principal fonte de informação em saúde acreditam mais na segurança das vacinas (81%) do que aqueles que priorizam outras fontes (72%), como amigos, família, líderes religiosos, curandeiros tradicionais e outros. Além disso, o nível de confiança nesses profissionais parece estar diretamente relacionado a uma melhor percepção sobre segurança. Dos entrevistados que declararam “confiar muito” nos profissionais, 87% concordam fortemente ou concordam que as vacinas não são danosas à saúde. Entre os que disseram “não confiar muito” ou “não completamente”, o índice de confiança nas vacinas foi de 67%.²

Apesar de, no geral, a confiança em vacina se mostrar alta no Brasil e no mundo, a natureza dinâmica, da tendência à hesitação, considerada uma das dez maiores ameaças globais à saúde humana⁴, indica a necessidade de abordagens criativas com base científica para comunicações sobre a vacinação e exige estratégias proativas de todos os setores da sociedade.

O desafio da comunicação é cada vez maior. A facilidade de acesso ao crescente número de publicações desprovidas de evidência científica exige que organizações de busca na internet e de mídias sociais desenvolvam ferramentas que possam bloquear ou identificar fontes não confiáveis sobre vacinação, tal como já fazem para mensagens de sexo explícito ou violência.

E nós pediatras, o que podemos fazer? Nosso papel vai além da prescrição das vacinas. É necessário não simplesmente repreender, mas ouvir e compreender as preocupações dos pais e dar a eles respostas simples e seguras que demonstrem a importância, os benefícios e a segurança da vacinação para seus filhos. Precisamos estar preparados para responder às ansiedades e dúvidas das famílias sobre as vacinas e tantos outros mitos e desinformações sobre a saúde de seus filhos. Para isso, muitas vezes, é necessário pesquisar sobre a veracidade da informação recebida e assim, dar o suporte necessário para tranquiliza-las.

Sabemos que a família de nosso paciente ou mesmo ele, muito provavelmente, vai buscar informações na internet sobre a vacinação, portanto, estratégia proativa de nossa parte poderia ser a de recomendar fontes seguras sobre o tema. Ficam aqui algumas sugestões: informações sobre as doenças imunopreveníveis, vacinas e calendários de vacinação: www.familia.sbim.com.br; vacinação e o Programa Nacional de Imunizações: www.saude.gov.br/saude-de-a-z/vacinacao/; *fake news* relacionadas à saúde: www.saude.gov.br/fakenews; cuidados com os filhos (#maisqueumpalpite): <https://www.sbp.com.br/especiais/mais-que-um-palpite/>.

REFERÊNCIAS

- 1 Reich, JA. *Calling the Shots: Why Parents Reject Vaccines*. Editora New York University Press. 2016. ISBN: 978147987483.
- 2 Gallup. Wellcome Global Monitor 2019: Science and Society. Wellcome Global Monitor 2018: How does the world feel about science and health? Junho 2019. Disponível em <https://wellcome.ac.uk/sites/default/files/wellcome-global-monitor-2018.pdf>. Último acesso em 13.07.2019.
- 3 Brown AL, Sperandio M, Turssi CP, Leite RMA, BertonVF, Succi RM, Larson H, Napimoga MH. Vaccine confidence and hesitancy in Brazil. *Cad. Saúde Pública* vol.34 no.9. Rio de Janeiro 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00011618>.
- 4 OPAS Brasil. Dez ameaças à saúde que a OMS combaterá em 2019. Janeiro 2019. Disponível em https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5848:dez-ameacas-a-saude-que-a-oms-combatera-em-2019&Itemid=875. Último acesso em 13.07.2019.